

MUSEU DA GENTRIFICAÇÃO

NIKOLAI NEKH

Curadoria de Diogo Pinto

22.09.23 a 02.12.23

BALCONY
CONTEMPORARY
ART GALLERY

Rua Coronel Bento Roma 12 A
1700-122 Lisbon | Portugal

T (+351) 211 339 866
M (+351) 969 847 655
M (+351) 932 380 822

info@balcony.pt
www.balcony.pt

Nasci em 1993. Olhando para trás, tenho vívidas memórias da mudança de Lisboa ao longo dos anos — como blocos de lego de recordações expressas por visões, sabores, formas e cores.

Por exemplo, lembro-me claramente da excitação sentida pela cidade por causa da Expo'98. Sentia-se no ar e não foi a mesma coisa que o entusiasmo posterior (mas comparável) do Euro'2004 (muito mais histérico e violento¹). A Expo tinha um tema familiar e progressista: *Os Oceanos, um património para o futuro*.

Parecia-me que os olhos cintilavam e que autocolantes da Expo adornavam todos os carros. Era um projeto extravagante, sem restrições financeiras, de criação de um bairro completamente novo. Lisboa nunca tinha vivido nada assim, nem antes nem depois. Finalmente, podíamos descobrir como seria a "Lisboa do futuro". Muito mais do que um projeto de urbanização, o evento inaugurou um novo milénio de possibilidades urbanísticas. Uma cidade de vanguarda, democrática e com visão de futuro, erguida sobre os mitos lamacentos² de um país outrora grande e agora pequeno. Confiante da sua identidade nacional, mas curiosa em relação a outras identidades, de uma forma que por fim parecia depender não da propaganda do século passado, mas de uma economia tecnológica global dos anos 90. Os reflexos imperiais do Estado Novo perduravam, mas agora, com uma pitada de internet, aldeia global, discurso pró-sustentabilidade e ecológico — o mar já não era (apenas) o palco de feitos marítimos, mas agora também uma fonte de simbolismo futuro. Mesmo que toda esta fanfarra fosse ingénuo, o otimismo era inegável. Como proclamou o então presidente em pleno discurso de abertura: Lisboa era agora "um instrumento de afirmação nacional". Ou seja, a Expo'98 foi um momento-chave de uma cidade que surge precisamente como tal — um instrumento.

Coloca-se a questão se as cidades devem ser um instrumento e, se sim, para que propósito? Nikolai Nekh tem vindo a trabalhar em torno desta interrogação e suas respostas há já algum tempo. Em 2019³, Nekh iniciou um extenso corpo de trabalho sob o título "Museu da Gentrificação" que agora, na Balcony Gallery, chega a uma resolução (a ser concluída numa próxima monografia). As técnicas utilizadas são várias: fotografia, escultura, assemblage, desenho, vídeo e texto. Eu diria que um dos traços mais prevalentes e partilhados de todas estas obras multidisciplinares é uma obsessão pela superfície: o poder sedutor, polido e escorregadio dos atuais mecanismos visuais concebidos para nos prender (à nossa atenção e dinheiro). Isto, claro, vai para além do objeto — enquadra discretamente o nosso gosto e o sentido geral de desejo, o que queremos ou não queremos possuir. Nekh treinou para se tornar um especialista em brincar e manipular a

¹ Gastar quantias gigantescas de dinheiro dos contribuintes em futebol era muito mais fácil de vender. O país vibrava com a perspectiva de basicamente ganhar. Era tão exagerado e real. Parecia que, enquanto país, podíamos finalmente saldar uma dívida que há muito se arrastava. Ao ponto de as pessoas — enquanto nação — poderem olhar-se orgulhosamente ao espelho. Infelizmente, não ganharmos a taça cortou a excitação e a queda da moral estabelecida não foi fácil.

² Literal e figurativamente. Todo o projeto foi construído em cima de zonas industriais altamente contaminadas ou em infundáveis aterros. Além disso, a maneira como o tema da exposição (Oceanos) foi abordado foi totalmente bacoca. Qualquer menção sobre os projetos coloniais portugueses foi feita com o habitual lusotropicalismo "só me contem as partes boas" (mas agora com TVCabo). António Mega Ferreira e Vasco Graça Moura pensaram o projeto da Expo'98 precisamente quando, e porque, estavam a liderar a comissão para os 500 anos dos ditos "Descobrimientos Portugueses" — daí a interpretação "moderna" dos oceanos.

³ Nikolai Nekh, "Museu da Gentrificação: Expositor No 6.". Publicado em Wrong Wrong Magazine (04.01.2019).

cenografia centrada no consumo, e em “Museu da Gentrificação” encontramos uma panóplia de códigos visuais que nos unem enquanto consumidores (seja mobiliário Ikea, imóveis ou loiça). A exposição mostra um duro choque entre realidade e ficção: a lacagem colorida de antigo mobiliário racista, o moedor de carne brilhante de tamanho humano, a armadura de cabedal de agente imobiliário, a quebra nostálgica da utópica Vista Alegre. O “Museu da Gentrificação” é um museu fictício, mas apenas no sentido em que a gentrificação é ficção do dia-a-dia por força da inflação, especulação e do custo de vida *irreal*.

25 anos depois e em retrospectiva, a Expo e o subsequente Parque das Nações foram um desastre financeiro. A má gestão, a corrupção e contabilidade criativa não deixaram outra opção senão transformar o projeto num parque de diversões neoliberal. Para evitar a insolvência, os centros culturais foram transformados em casinos, os teatros em hotéis de luxo e fizeram-se dos apartamentos mais caros de Portugal. No final, o projeto cumpriu o seu objetivo — mostrou-nos como será a Lisboa do futuro. E mostrou uma cidade em perpétua correria de pagamentos pendentes, perdida na fina dança entre serviço público e mercado. Por persuasão do desespero, a nossa noção de cidade utópica está ancorada às ruínas da dívida (não só financeira mas também histórica).

A indústria nacional é o turismo e isso assenta numa instabilidade basilar. Vender casas, vender identidade, vendemo-nos a nós próprios, num jogo de vale-tudo 24 horas por dia, 7 dias por semana. Em última análise, a cidade é ao mesmo tempo todos nós e um *outro* ser sensível. Respira connosco e através de nós enquanto prossegue completamente independente; continuará para sempre sem nós, sem se perturbar. Um interminável ciclo urbano — absolutamente belo e brutal.

Diogo Pinto

MUSEU DA GENTRIFICAÇÃO

NIKOLAI NEKH

Curadoria de Diogo Pinto

22.09.23 a 02.12.23

BALCONY
CONTEMPORARY
ART GALLERY

Rua Coronel Bento Roma 12 A
1700-122 Lisbon | Portugal

T (+351) 211 339 866
M (+351) 969 847 655
M (+351) 932 380 822

info@balcony.pt
www.balcony.pt